





REVISTA THEOURGOS

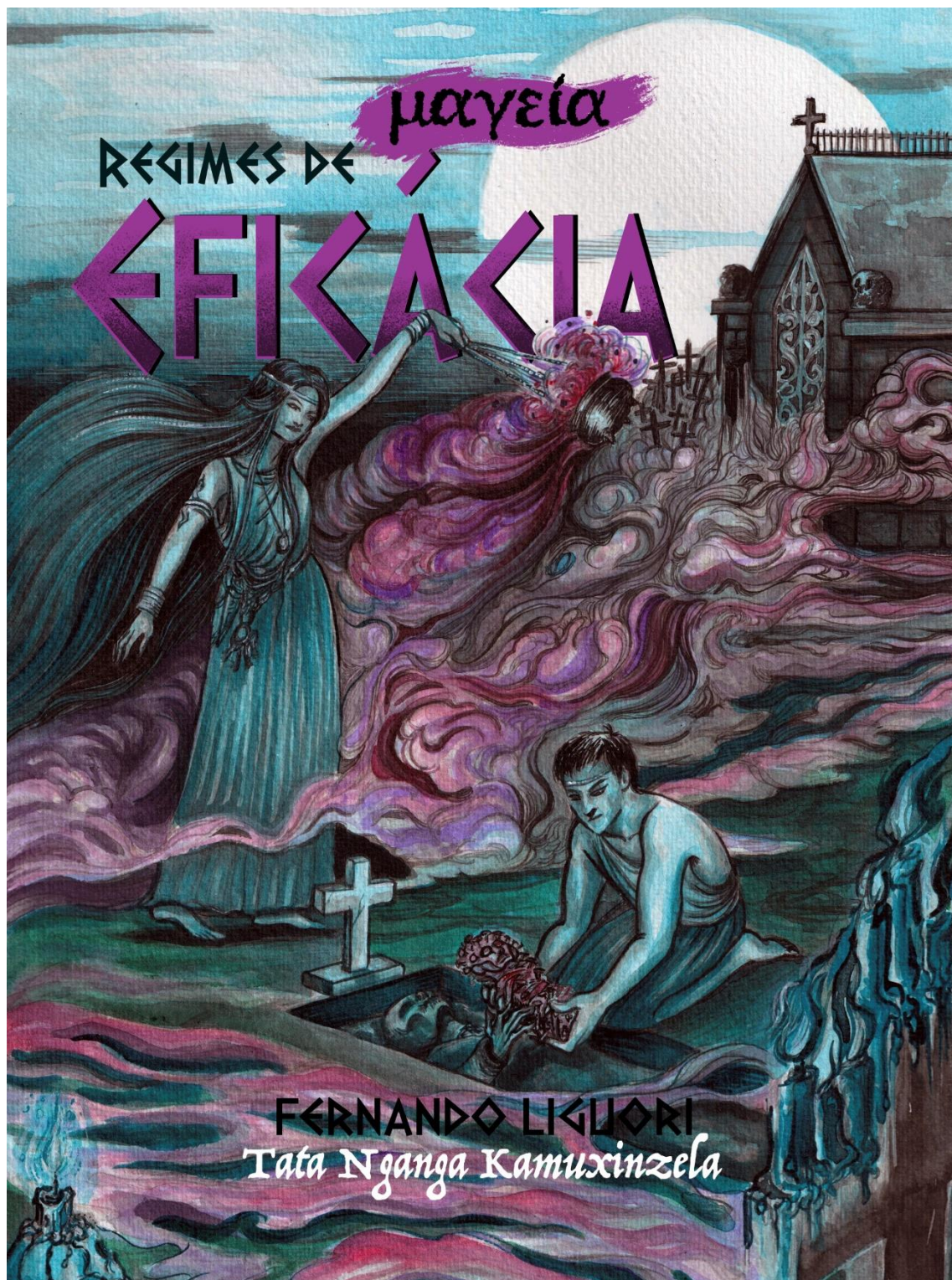
O CONHECIMENTO REJEITADO DA CULTURA OCIDENTAL

A *Revista Theourgós* se dedica àquilo que Wouter J. Hanegraaff descreveu como *o conhecimento rejeitado da cultura ocidental*, o esoterismo enquanto fenômeno histórico, campo epistemológico e via de realização espiritual. Em sua encruzilhada entre ciência, religião e filosofia, o esoterismo constitui uma dimensão fundamental da história intelectual do Ocidente, embora frequentemente negligenciada por preconceitos confessionais, ideológicos ou positivistas. A *Theourgós* emerge, assim, como um espaço editorial onde tradição e crítica se encontram: um lugar em que o pensamento iniciático e o rigor acadêmico não se excluem, mas se iluminam mutuamente.

Inspirando-se nas contribuições fundadoras de autores como Antoine Faivre, Christian H. Bull, Wouter Hanegraaff, Henrik Bogdan e outros, a revista propõe um diálogo entre o saber tradicional, hermético, alquímico, gnóstico, mágico, e os métodos contemporâneos das ciências humanas. Seus artigos contemplam os eixos estruturantes do chamado *esoterismo ocidental*: o hermetismo alexandrino e platônico, o gnosticismo antigo e moderno, a alquimia mágica e operativa, a magia cerimonial, a cabalá cristã, a teosofia, as ordens esotéricas modernas, a literatura dos grimórios, a história dos rituais e das iniciações, e a espiritualidade filosófica-oculta no coração da modernidade. Ao mesmo tempo, a *Theourgós* acolhe reflexões sobre o papel atual dessas tradições em contextos sincréticos, globais e pós-coloniais, como os da Quimbanda, a goécia brasileira, e de outras práticas que renovam o imaginário ocultista no sul global.

Sem se confundir com apologética ou divulgação popular, a proposta da *Revista Theourgós* é a construção de um saber iniciático que não despreza a crítica, e de uma crítica que reconhece o valor epistemológico da experiência espiritual. Nosso horizonte é o reencontro com a via teúrgica, a arte de tornar-se divino pela prática do divino, em sua forma original e em suas reconfigurações contemporâneas. Como nas antigas assembleias de iniciados, este espaço é aberto aos que buscam, aos que estudam, e aos que ousam.

Fernando Liguori,
Editor.



REGIMES DE EFICÁCIA: Teoria Operativa e Prática Ritual dos Papiros Mágicos Gregos à Quimbanda

RESENHA:

A Parte II do volume *MAGEÍAS: REGIMES DE EFICÁCIA*, constitui contribuição metodológica e analítica de notável densidade ao campo dos estudos da magia antiga e ao estudo acadêmico das tradições operativas brasileiras, e oferece, na articulação entre ambos, aquilo que é, em sua concepção e extensão, uma tentativa pioneira na literatura: uma arqueologia da eficácia ritual. Desenvolvida ao longo de oito seções, a parte examina, sob o protocolo de homologia morfológica controlada, derivado do protocolo comparativo de segundo grau de Jonathan Z. Smith (1938-2017),¹ duas tradições separadas por dois milênios e sem qualquer transmissão histórica documentada: a *μαγεία* (*mageía*, arte operativa) dos *Papyri Graecae Magicae* (PGM) e das fontes greco-egípcias, e a Quimbanda brasileira, mobilizada exclusivamente a partir do corpus de Fernando Liguori. O resultado não é obra de sincretismo historiográfico, mas estudo de convergências formais: regimes ritualmente independentes que responderam, com arquiteturas morfológicamente homólogas, ao mesmo conjunto de problemas operativos.

A arquitetura da Parte II é ao mesmo tempo cronológica no sentido da operação e temática no sentido da matéria. Após a *Introdução Programática* (Seção I), que estabelece os oito vetores materiais que orientam o conjunto (cromática ritual, nutrição periódica, miniatura-escala, cronotopo, voz como matéria, espacialidade ritual, corpo-presença, verificação material) e os cinco regimes formais da materialidade ritual (agência distribuída, suporte performativo, miniatura-escala, depósito-limiar, corpo-presença),² a análise percorre a formação do operador (Seção II), a palavra, o canto e o comando (Seção III), a escrita, o selo e a inscrição (Seção IV), o corpo, a voz e a presença supra-humana (Seção V), a topografia ritual (Seção VI), o regime temporal (Seção VII) e, enfim, o problema teórico da eficácia (Seção VIII). Cada seção articula parágrafos densamente anotados, com notas filológicas, bibliográficas, historiográficas, filosóficas, teológicas, sociológicas e arqueológicas colocadas imediatamente abaixo do texto respectivo, no padrão editorial das *Religions in the Graeco-Roman World* da Brill.

¹ O método é enunciado pelo próprio autor como *homologia estrutural sob diferença controlada*, formulado por Jonathan Z. Smith (1938-2017): *a comparação se torna heurística não quando apaga as distâncias, mas quando as explicita com rigor*: Fernando Liguori, *MÁGOS: DOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS À QUIMBANDA* (São Paulo: Clube de Autores, 2026). A matriz é Jonathan Z. Smith, *DRUDGERY DIVINE: ON THE COMPARISON OF EARLY CHRISTIANITIES AND THE RELIGIONS OF LATE ANTIQUITY* (Chicago: University of Chicago Press, 1990): *É axiomático que a comparação nunca é questão de identidade. A comparação requer a aceitação da diferença como o fundamento de seu interesse, e uma manipulação metódica dessa diferença para alcançar um fim cognitivo determinado, pois uma comparação é um exagero disciplinado a serviço do conhecimento [...] a comparação fornece o meio pelo qual «re-visamos» os fenômenos como nossos dados a fim de resolver nossos problemas teóricos*: pp. 47, 51-52.

² Cumpre distinguir os dois conjuntos, que operam em níveis distintos: os *vetores materiais* nomeiam inclinações dominantes de cada matéria ritual (cromática, nutrição, escala, cronotopo, voz, espacialidade, corpo, verificação); os *regimes formais* nomeiam modos de operação transversais a elas (agência distribuída, suporte performativo, miniatura-escala, depósito-limiar, corpo-presença). Quando um mesmo nome – miniatura-escala, corpo-presença – comparece nas duas listas, é porque, naquele caso, a matéria dominante coincide com o modo que a organiza. A definição canônica e a numeração dos dois conjuntos acham-se na *Introdução Programática* (Seção I).

Entre os pontos de força da Parte II, destaca-se, em primeiro lugar, a precisão filológica do tratamento dado ao material greco-egípcio. Os termos técnicos são sistematicamente apresentados na grafia grega, transliterados e traduzidos entre parênteses – κατοχή (*katoché*, possessão, retenção), σύστασις (*sýstasis*, estabelecimento, união com o deus), ἀπόλυσις (*apólysis*, liberação, despedida do deus), πάρεδρος (*páredros*, assessor divino), ἡμέραι ἀποφράδες (*hēmérai apophrádes*, dias vedados, interditos), entre dezenas de outros –, e as passagens relevantes dos PGM são citadas com indicação precisa de número de fórmula na edição Preisendanz-Henrichs, com remissão à tradução de Betz. A bibliografia secundária mobilizada é extensa e atualizada: Dieleman, Frankfurter, Graf, Faraone e Obbink, Gordon e Marco Simón, Johnston, Wilburn, Stratton, Brakke, Beerden, Shaw, além dos volumes cento e vinte e nove a cento e oitenta e nove da série RGRW da Brill, são integrados não como aparato decorativo, mas como interlocutores efetivos da argumentação.

Em segundo lugar, destaca-se a originalidade analítica dos regimes formais propostos. A categoria de corpo-presença permite ler o operador (corpo-assentamento) da Quimbanda e o operador greco-egípcio como substratos performativos vivos, homólogos formais do πάρεδρος vinculado, sem recorrer à psicologização do transe nem ao substancialismo teológico. A categoria de depósito-limiar articula a lamela enterrada e o assentamento firmado sob a mesma economia formal de reserva ativa de eficácia. A categoria de miniatura-escala ilumina o terreiro e o santuário doméstico como microcosmos operativos. A distinção, na Seção VIII, entre as teorias da eficácia simbólica (Claude Lévi-Strauss, 1908-2009), performativa (John L. Austin, 1911-1960; Stanley J. Tambiah, 1929-2014) e material ou distribuída (Alfred Gell, 1945-1997; David Frankfurter, n. 1961), com a adoção argumentada desta última, fornece a Parte II de uma clareza teórica raramente encontrada na literatura sobre tradições operativas contemporâneas.³

Em terceiro lugar, o tratamento das fontes sobre a Quimbanda merece nota metodológica. O volume compromete-se, explicitamente na *Introdução Programática*, com três regras: utilização exclusiva do corpus do autor; elevação do registro nativo ao padrão acadêmico Brill sem alteração do conteúdo êmico; e preservação das categorias êmicas como termos técnicos invariantes (fundamento, assentamento vivo, ponto cantado, despacho, *táta nganga*, Exu, Pombagira, *kalunga*).⁴ A execução é rigorosa: a Quimbanda não é explicada por analogia com categorias externas, mas descrita em sua arquitetura técnica própria (reinos, tronqueiras, obrigações, firmezas, despachos, sacrifícios etc.), e o aparato analítico

³ A via material inscreve-se no *giro material* dos estudos da religião. David Frankfurter sustenta que os meios materiais *não são meros subprodutos ou artefatos «da» religião [...], mas os materiais que articulam e movem a religião*: idem, *Magic and the Forces of Materiality*, em *GUIDE TO THE STUDY OF ANCIENT MAGIC*, ed. David Frankfurter (Leiden-Boston: Brill, 2019): pp. 659-677. A base antropológica é a agência distribuída de Alfred Gell, *ART AND AGENCY: AN ANTHROPOLOGICAL THEORY* (Oxford: Clarendon Press, 1998): pp. 16-27, e a rede de actantes de Bruno Latour, *REASSEMBLING THE SOCIAL* (Oxford: Oxford University Press, 2005): pp. 63-86; o programa é sintetizado por Birgit Meyer, David Morgan, Crispin Paine e S. Brent Plate, *The Origin and Mission of Material Religion*, *RELIGION* 40, no. 3 (2010): pp. 207-211, para quem *o estudo material da religião concentra-se no que os corpos e as coisas fazem, nas práticas que os põem a trabalhar*.

⁴ A recusa da tradução empobrecedora do êmico ao vocabulário analítico corrente segue o protocolo de *morfologia controlada da mediação*, em que *semelhança relevante não é identidade doutrinal, mas convergência formal de operação*: Fernando Liguori, *MÁGOS* (São Paulo: Clube de Autores, 2026). Sobre o risco da tradução das categorias nativas e a inscrição do conceito de *religião* em relações de poder, cf. Talal Asad, *GENEALOGIES OF RELIGION: DISCIPLINE AND REASONS OF POWER IN CHRISTIANITY AND ISLAM* (Baltimore-London: The Johns Hopkins University Press, 1993): pp. 27-54.

constrói-se ao lado dessas categorias, nunca em sua substituição. É o tratamento academicamente mais exigente já dado ao corpus em questão.

Quarto ponto de força: a articulação teórica da eficácia adversa. As Seções VI a VIII integram, como dimensões constitutivas e não patológicas das economias da eficácia, a categoria do *contratrabalho*, a λύσις (*lýsis*, desfazimento) como operação simétrica da κατάδεσις (*katádēsis*, ligamento), e a desmancha como regime técnico codificado que exige conhecimento especular da arquitetura do trabalho original. A economia completa da eficácia (produzir, manter, verificar, reparar, atribuir, defender, desfazer) emerge com sete operações articuladas, oferecendo ao campo um modelo de descrição técnica que evita tanto o reducionismo psicologizante quanto a adesão crente, na linha do que a própria Parte II denomina como descrição técnica da economia da eficácia.

Há, naturalmente, pontos que o leitor especializado poderá discutir. A assimetria das bases documentais (papiros, lamelas e literatura filológica, de um lado; corpus de um único autor, do outro) é reconhecida pelo volume como escolha deliberada, mas permanece como limite da comparação:⁵ a Quimbanda aparece documentada por um corpus que, embora denso e tecnicamente preciso, não passou pela triagem multiautoral que caracteriza a documentação greco-egípcia. Algumas correspondências formais propostas (notadamente entre o πάρεδρος e o fundamento do operador) convidarão a discussão entre especialistas quanto ao grau de granularidade que a homologia morfológica controlada suporta sem deslizar para a analogia solta. E a ausência de aparato arqueológico para o regime da Quimbanda – inevitável, dado o caráter contemporâneo da tradição – faz com que a comparação material se desloque, no segundo regime, para o relato técnico interno. Tais limitações, longe de invalidar o empreendimento, situam-no honestamente no campo da heurística comparativa de segundo grau que o próprio volume reivindica.

A Parte II de MAGEÍÁ: REGIMES DE EFICÁCIA estabelece, em conclusão, um novo patamar para o estudo comparado da magia antiga e das tradições operativas brasileiras. Se a Parte I do volume perguntou o que a categoria magia fez com aqueles a quem foi aplicada, do μάγος (*mágos*) persa ao processado da Inquisição lusitana e ao condenado pelo Código Penal republicano brasileiro, a Parte II perguntou o que a operação faz com a matéria, o corpo, o espaço e o tempo. A resposta que oferece é ao mesmo tempo tese teórica e programa de pesquisa: a eficácia ritual é economia material unificada, distribuída entre operador, matéria, potência, lugar e tempo, e sua descrição rigorosa, sem reducionismo nem adesão, é tarefa da qual a erudição contemporânea não pode mais abrir mão. Entre o papiro e a pomba, entre o *charaktér* e o ponto riscado, entre a κατοχή e a firmeza, há uma arqueologia da eficácia que este livro começou a traçar.

Fernando Liguori

⁵ A explicitação da assimetria das bases é ela própria exigência do método: *a analogia só permanece legítima enquanto se mantiver sob o regime da diferença controlada*. Fernando Liguori, *MÁGOS. Sobre a obrigação de tornar explícitas as bases documentais desiguais como condição de honestidade comparativa*, cf. Jonathan Z. Smith, *DRUDGERY DIVINE*, pp. 36-53.